



***IDENTIDADES EM MOVIMENTO, MASCULINIDADES EM EXPERIMENTO:
UM PANORAMA SOBRE A PRODUÇÃO BRASILEIRA EM EDUCAÇÃO FÍSICA***

***IDENTIDADES EN MOVIMIENTO, MASCULINIDADES EN EXPERIMENTO:
UN PANORAMA SOBRE LA PRODUCCIÓN BRASILEÑA EN EDUCACIÓN
FÍSICA***

***IDENTITIES IN MOTION, MASCULINITIES IN EXPERIMENT: AN
OVERVIEW OF BRAZILIAN PRODUCTION IN PHYSICAL EDUCATION***

Lucas Vargas Bozzato¹

Franciele Roos da Silva Ilha²

RESUMO

As masculinidades, entendidas como construção cultural, histórica, contingente, têm sido cada vez mais problematizada na Educação Física, sobretudo diante de tensões políticas para padrões hegemônicos e vivências plurais. Compreender como a produção acadêmica nacional aborda o tema é fundamental para identificar avanços, desafios e possibilidades. Este artigo apresenta uma revisão integrativa da produção brasileira acerca das masculinidades na Educação Física nos últimos 10 anos. Os artigos analisados nas bases CAPES e SciELO foram representados em quatro eixos: masculinidade na Educação Física escolar; em espaços não escolares; na formação docente; e na estética e comunicação. Cada eixo discute como as masculinidades são construídas, mantidas ou tensionadas nesses contextos. Os resultados indicam que a área contribui para a reprodução de masculinidades hegemônicas, associadas à virilidade, disciplina e exclusão, ao mesmo tempo em que cria fissuras e alternativas para o enfrentamento das desigualdades de gênero promovidos por esses mesmos modelos.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Masculinidade. Revisão Integrativa.

RESUMEN

Las masculinidades, entendidas como construcción cultural, histórica y contingente, han sido cada vez más problematizadas en la Educación Física, especialmente frente a las tensiones entre patrones hegemónicos y experiencias plurales. Comprender cómo la producción académica nacional aborda este tema es fundamental para identificar avances, desafíos y posibilidades. Este artículo presenta una revisión integrativa de la producción brasileña sobre masculinidades en la Educación Física en los últimos 10 años. Los artículos analizados en las bases CAPES y SciELO fueron organizados en cuatro ejes: masculinidades en la Educación Física escolar; en espacios no escolares; en la formación

¹ Mestre em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Doutora em Educação, Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

docente; y en la estética y comunicación. Cada eje discute cómo las masculinidades se construyen, sostienen o tensionan en estos contextos. Los resultados muestran que el área contribuye a reproducir masculinidades hegemónicas asociadas a la virilidad, disciplina y exclusión, al tiempo que abre alternativas para enfrentar las desigualdades de género.

PALABRAS-CLAVE: Género. Masculinidad. Revisión Integrativa.

ABSTRACT

Masculinities, understood as cultural, historical, and contingent constructions, have increasingly been problematized in Physical Education, especially in light of political tensions between hegemonic standards and plural experiences. Understanding how national academic production addresses this issue is key to identifying advances, challenges, and possibilities. This article presents an integrative review of Brazilian research on masculinities in Physical Education over the past 10 years. Articles analyzed from the CAPES and SciELO databases were organized into four axes: masculinities in school Physical Education; in non-school contexts; in teacher education; and in aesthetics and communication. Each axis explores how masculinities are constructed, sustained, or contested within these settings. Findings indicate that the field contributes to the reproduction of hegemonic masculinities, associated with virility, discipline, and exclusion, while simultaneously creating cracks and alternatives for confronting gender inequalities fostered by these same models.

KEYWORDS: Gender. Masculinity. Integrative Review.

Introdução

Os estudos de gênero vêm problematizando a naturalização das diferenças sexuais e as relações de poder materializadas nos corpos. Na virada das décadas de 1960 e 1970, movimentos como o “contracultura”, deram origem aos *Men’s Studies* que, inspirados pelo feminismo, investigam a construção das masculinidades com o intuito de “debater as políticas de identidade, a naturalização de papéis e a legitimação de desigualdades de gênero” (Devide, 2021, p. 27). Essa perspectiva evidencia que os modelos hegemônicos de masculinidade, marcados pela virilidade, força e exercício de poder sobre outros corpos, constituem formas de dominação que perpetuam desigualdades e violências (Connell, 1995).

No campo da Educação Física, tais reflexões assumem contornos singulares, uma vez que suas práticas, como por exemplo o esporte, representam territórios masculinizados, produtores de ideais viris de disciplina, força e competitividade historicamente atribuídos aos homens (Louro, 1997; Brito, 2013). Assim, a área não apenas reproduz, mas também opera como ferramenta pedagógica na consolidação de certos padrões de masculinidade, podendo igualmente constituir-se como espaço de resistência, reconfiguração e desnaturalização desses modelos (Devide, 2021).

Esse debate torna-se ainda mais relevante no cenário atual, marcado pelo avanço de forças conservadoras que buscam reafirmar modelos rígidos de masculinidade ancorados na figura do homem branco, cristão, provedor e disciplinado, reação orientada a restaurar a hegemonia masculina e sua posição dominante (Connell; Messerschmidt, 2013). Nesse contexto, tais ideais são mobilizados para legitimar desigualdades, reforçando uma lógica que exige corpos masculinos dóceis, produtivos e resistentes, sustentando estruturas de poder sobre mulheres e sujeitos subalternizados. Paralelamente, a crescente presença de mulheres e corpos tidos como dissidentes em espaços tradicionalmente masculinos, evidencia a urgência de questionar tais padrões e compreender os embates em torno da (re)produção das masculinidades.

Com a devida centralidade, torna-se necessária a realização de estudos que investiguem as masculinidades no âmbito da Educação Física. As pesquisas existentes, embora relevantes, mostram-se dispersas e carecem de sistematizações que possibilitem compreender seus referenciais, objetos e contribuições para a problematização das desigualdades de gênero a partir da perspectiva das masculinidades. Nesse sentido, reconhecemos o esforço de Leandro Teófilo de Brito e Mirian Leite (2017), bem como de Pedro Borges Fernandes, colaboradores e colaboradora (2021), cujas revisões sobre as masculinidades no contexto da Educação Física escolar se constituem em referenciais importantes, ainda que situados em recortes temporais e contextuais específicos. Destaca-se também a obra organizada por Fabiano Pries Devede e Brito (2021), que, embora não configure uma revisão sistematizada em diferentes contextos da área, reúne estudos que abrangem múltiplas dimensões das masculinidades na Educação Física.

Diante desse cenário, este estudo objetiva mapear e discutir a produção científica nacional em Educação Física que aborda as masculinidades, identificando referenciais, abordagens e contribuições para o tensionamento dos modos de ser masculino nos diferentes espaços educativos. Ao reunir e analisar tais produções, busca-se oferecer panorama da discussão do tema no campo e contribuir para seu fortalecimento na área.

Procedimentos Metodológicos

Este estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa, de abordagem qualitativa e natureza exploratória. A revisão integrativa se configura como um método de revisão que permite reunir e sintetizar resultados de diferentes investigações, bem como discutir diferentes abordagens teóricas, metodológicas e lacunas de conhecimento em um

determinado campo ou tema (Whittemore; Knafl, 2005; Souza; Silva; Carvalho, 2010). Tal característica a torna particularmente adequada para o objetivo desta pesquisa, que busca mapear e problematizar a produção brasileira em Educação Física sobre masculinidades, um tema que envolve o enfoque social, abarcando suas subjetividades (Minayo, 2009).

As buscas foram realizadas em 10 de julho de 2025, nas bases de dados Periódicos CAPES³ e SciELO⁴. Empreendemos os descritores “Masculinidade OR masculinidades OR masculini*⁵” AND “Educação Física”, aplicada aos campos de título, resumo e palavras-chave. Foram incluídos artigos publicados entre 2015 e 2025, pertencentes ao campo nacional de produção da Educação Física⁶. Foram excluídos estudos de resenhas, ensaios, resumos expandidos, revisões e estudos com abordagem predominantemente biológica da masculinidade.

O processo de seleção foi conduzido de forma independente por dois revisores e as eventuais discordâncias foram resolvidas por consenso. Inicialmente, foram identificados 77 artigos (58 da base CAPES e 19 da SciELO), após os critérios de recorte temporal e nacionalidade. Destes, 9 foram excluídos por estarem duplicados. Após a leitura de títulos e resumos, foram excluídos 51 artigos por não apresentarem relação direta com a temática das masculinidades, estarem fora da área da Educação Física ou se tratarem de relatos de experiência, e um que não tivemos acesso, restando 17 para leitura na íntegra. Outros dois estudos mostraram-se fora da data de publicação apontada pelos periódicos. Com isso, 15 foram considerados elegíveis e incluídos na análise final.

Os dados dos artigos foram extraídos para uma planilha padronizada, contendo: autor, ano, objetivos, metodologia, contexto e principais resultados. A análise, ancorada na perspectiva dos estudos de gênero e do viés cultural-social das masculinidades, consistiu em mapear tendências, autores de referência e agrupar os estudos em eixos

³ O Portal de Periódicos da Capes é uma das maiores bibliotecas virtuais do mundo, com acesso a milhares de periódicos nacionais e internacionais. Ele é reconhecido como fonte oficial de produção científica de qualidade no Brasil. Ver mais em: [https://www.periodicos-capes.gov-br.ez66.periodicos.capes.gov.br/index.php/sobre/quem-somos.html](https://www.periodicos-capes.gov.br.ez66.periodicos.capes.gov.br/index.php/sobre/quem-somos.html).

⁴ A SciELO é uma base consolidada na América Latina e uma das principais vitrines da ciência brasileira, garantindo visibilidade a pesquisas locais que muitas vezes não aparecem em bases internacionais.

⁵ O uso do asterisco “*” em descritores de busca é uma técnica de truncamento que recupera diferentes variações de uma palavra, localizando todos os termos que compartilham o mesmo radical. Por exemplo, *masculini* abrangeria formas como masculinidade, masculinidades, masculinização e masculinizar, permitindo identificar trabalhos que tratam da identidade e discussões sobre o gênero masculino.

⁶ Entendemos como campo de estudos da Educação Física não apenas as revistas da área, mas também em outras revistas que apontassem a interlocução com a área ou sobre a área vinculada ao tema masculinidade. Revistas internacionais não foram consideradas.

temáticos emergentes, tendo como critério central o espaço e os mediadores educativo/formativos das masculinidades. Foram definidos assim os quatro eixos principais: I) Masculinidades na Educação Física Escolar: normas, resistências e inclusão; II) Masculinidades, esporte e práticas corporais em contextos não escolares; III) Formação e Docência em Educação Física e suas masculinidades; e IV) Produção de sentidos pelos sentidos: comunicação e estética das masculinidades.

Resultados e Discussões

Apresentamos a distribuição dos artigos por eixo (Quadro I), acompanhada de seus autores e objetivos, os quais apontam para as aproximações de cada estudo em diferentes eixos. Essa sistematização permitiu apresentar um panorama do modo em que as pesquisas em Educação Física têm abordado as masculinidades em distintos espaços de formação, formais e informais, e como esses espaços atuam na consolidação ou na desconstrução de modelos masculinos na contemporaneidade.

QUADRO 1: Apresentação dos estudos selecionados.

Eixo Temático	Título do Artigo	Autores	Objetivo
I. Masculinidades na Educação Física Escolar: normas, resistências e inclusão	Performatizações <i>queer</i> na Educação Física escolar	Rafael Garcia, Leandro de Brito (2018)	Problematizar como se constituíam as relações de gênero e sexualidades nas aulas de Educação Física de uma escola municipal do Rio de Janeiro, com destaque para relatos da participação de um menino estudante que não se enquadrava nas normas binárias de gênero.
	Escola, homossexualidades e homofobia: rememorando experiências na Educação Física escolar	Vagner Matias do Prado; Arilda Ines Miranda Ribeiro (2016)	Problematizar como a marcação social da homossexualidade é instituída por intermédio de práticas escolares da Educação Física.

	Diálogos com as masculinidades por meio da perspectiva intercultural e da coeducação na Educação Física escolar	Ana Paula da Silva Santos, Leandro de Brito (2023)	Problematizar sentidos das masculinidades em discursos circulantes na Educação Física escolar, a partir da perspectiva multi/intercultural.
	<i>Violencia simbólica en la educación física escolar: un análisis crítico de las experiencias negativas del futuro profesorado de educación primaria</i> ⁷	Maria José Camacho-Miñano; María Prat Grau (2018)	<i>Profundiza sobre las experiencias negativas de la Educación Física escolar cursada por el futuro profesorado de Educación Primaria, utilizándose para el análisis el concepto de violencia simbólica de Bourdieu</i> ⁸
	Identidades masculinas, expressão corporal e Educação Física na França entre 1967 e 1985	Nicolas Iffrig; Jean Saint-Martin (2021)	Analisar como a expressão corporal, introduzida na Educação Física francesa entre 1967 e 1985, atuou como uma alternativa ao modelo esportivo hegemônico, tradicionalmente ligado a uma masculinidade dominante, patriarcal e competitiva.
II. Masculinidades, esporte e práticas corporais em contextos não escolares	Rituais de iniciação à dor entre homens na musculação: etnografia de uma academia de ginástica	Alan Silva; Jaqueline Ferreira (2019)	Analisar e discutir de que formas as masculinidades são exercidas na musculação, considerando os rituais de iniciação à dor nas práticas corporais.
	“Homens bombados e embalados” masculinidades e músicas sobre anabolizantes em uma academia de ginástica	Alan Silva; Jaqueline Ferreira (2020)	Analisar músicas sobre anabolizantes em uma academia de ginástica.

⁷ “Violência simbólica na Educação Física escolar: uma análise crítica das experiências negativas do futuro professorado de educação primária” (tradução nossa).

⁸ “Aprofundar as experiências negativas da Educação Física escolar cursada pelo futuro professorado de Educação Primária, utilizando para a análise o conceito de violência simbólica de Bourdieu” (tradução nossa).

	<i>Drinking dangerously? Young football fans, alcohol and masculinity in Brazil</i>	Heloisa Reis; Mariana Martins; Ramón Spaaij; Felipe Lopes (2018)	<i>Examines young members of football fan formations known as torcidas organizadas and their relationship with alcohol⁹.</i>
	Homens trans e atividade física: a construção do corpo masculino	Jéssica Serrano; Iraquitã Caminha; Isabelle Gomes (2019)	Analisar a relação dos homens trans com as atividades físicas no processo de “masculinização”.
	Problematizando a masculinidade hegemônica no ensino/treino do futebol: relato de um projeto socio-esportivo liderado por uma entidade estudantil ¹⁰	Luís Silva; Gabriel Santos; Nathalia Servadio; Lucas Tamashiro; Alcides Scaglia (2021)	Relatar uma experiência educativa com vistas ao combate da masculinidade hegemônica no contexto esportivo, ancorada, teoricamente, pelo tripé de referenciais da Pedagogia do Esporte e a Pedagogia do Jogo.
III. Formação docente e masculinidades na Educação Física	Masculinidades e a formação de professores/as de Educação Física na EEFD/UFRJ	Rafael Garcia; Erik Pereira (2021)	Compreender a dinâmica de relações entre as masculinidades durante a formação superior de Educação Física
	Docentes homossexuais: história de vida de professores de Educação Física no Norte da Bahia ¹¹	Cleuton Silva; Luiza Anjos; Christine Macedo (2023)	Analisar as vivências de professores gays que lecionam a disciplina de Educação Física no Norte da Bahia.
IV. Produção de sentidos, comunicação e estética	Práticas corporais, masculinidades e homoerotismo: diálogos entre Educação Física e Arte Contemporânea	Fabiano Devede (2023)	Práticas corporais, masculinidades e homoerotismo: diálogos entre Educação Física e Arte Contemporânea

⁹ “Examinar jovens membros das formações de torcedores de futebol conhecidas como torcidas organizadas e sua relação com o álcool” (tradução nossa).

¹⁰ Apesar de se tratar de um projeto com caráter educativo, o artigo foi mantido neste eixo por estar situado em um contexto esportivo não escolar, priorizando a lógica de organização por espaço de prática e aprendizado.

¹¹ Embora não trate somente de experiências na formação inicial em Educação Física, justificamos este estudo nesse eixo devido ao movimento de formação da identidade profissional desses sujeitos.

	Um universo em fronteiras: olhares sobre a experiência estética de dança do grupo universica a partir da constituição da masculinidade-1973	Roberto Rodrigues (2015)	Investigar e analisar as experiências estéticas de dança do Grupo Univérsica, surgido no ano de 1973 em Goiânia, a partir da inserção das figuras masculinas no grupo
	Resistência <i>queer</i> : marcação do território gay no cenário heteronormativo do esporte	Paula Chaves; Allyson Araújo (2015)	Refletir sobre a prática esportiva dos atletas <i>queer</i> e suas implicações para a conjuntura esportiva moderna, bem como para a Educação Física.

Fonte: Elaboração do autor e da autora

Eixo I: Masculinidades na Educação Física Escolar: normas, resistências e inclusão

O conjunto de artigos reunidos neste eixo demonstra a forma com que a escola, e particularmente as aulas de Educação Física, constituem um espaço de socialização e relações de poder de gênero, onde normas, valores e hierarquias ligados às masculinidades são transmitidos, (re)forçados, (re)negociados e, até mesmo, contestados. Esse espaço de produção, destacam-se as dinâmicas de (re)produção de padrões hegemônicos, mas também as formas de resistências, como fissuras e espaços de possibilidade para práticas mais inclusivas e plurais, que tensionam e disputam o simbólico sobre o que significa “ser homem”.

Garcia e Brito (2018) e Prado e Ribeiro (2016) abordam a homossexualidade no contexto escolar pela lente da teoria *queer*¹², trazendo recortes complementares sobre a regulação e o tensionamento das masculinidades. Em Garcia e Brito (2018), destaca-se a experiência de um estudante que não se enquadra nas normas binárias de gênero, cuja presença expõe os mecanismos de homofobia e heteronormatividade que operam na vigilância e exclusão de corpos dissidentes. Os autores descrevem “o estado de corpo/vida precário do referido estudante enquanto menos valioso que o dos demais” (Garcia; Brito, 2018, p. 1329), evidenciando como a escola ensina também por meio da marginalização

¹² “Apropriando-se do sentido de ofensa que o termo *queer* significa na língua inglesa, para inversão dessa significação como potência de luta política, as perspectivas *queer* problematizam a heterossexualidade como norma e a hierarquização dos pares binários masculino/feminino nas identificações de orientação sexual e gênero dos sujeitos” (Garcia; Britto, 2018, p. 1324).

de diferentes identidades. Ainda assim, suas performances e paródias de gênero provocaram estranhamento e desestabilização das normas, instaurando fissuras no processo de naturalização da masculinidade hegemônica. A ausência de uma postura crítica do professor, contudo, contribuiu para legitimar essas práticas, operando na chave da pedagogia “heteroterrorista” (Bento, 2011, p. 552, *apud* Garcia; Brito, 2018).

De forma próxima, Prado e Ribeiro (2016) resgatam narrativas de jovens adultos sobre suas experiências nas aulas de Educação Física, apresentando a maneira em como a homossexualidade foi marcada como desvio e “ininteligibilidade”, termo sustentado por Judith Butler (2015) onde não é reconhecido ou compreendido pelos códigos hegemônicos de identidade. As práticas corporais, especialmente esportivas, assumiram papel generificado, reforçando hierarquias de gênero e marginalizando expressões dissidentes: “[...] o processo de construção cultural das masculinidades e feminilidades, relegando às homossexualidades ao âmbito das ‘ininteligibilidades’ sociais” (Prado; Ribeiro, 2016, p. 97). Os autores destacam ainda exclusões sutis (silêncios, olhares e piadas) que, somadas à cultura esportiva de rendimento, sustentaram um “cenário predominantemente masculino, viril e heterossexual se encarrega de subjugar qualquer forma de expressão que abale essa ideia” (Prado; Ribeiro, 2016, p.110).

Complementando esse debate, Camacho-Miñano e Grau (2018), inspirados em Pierre Bourdieu (2002), analisam a violência simbólica como um mecanismo estruturante da dinâmica nas aulas Educação Física, naturalizando a masculinidade dominante como modelo de aluno a ser idealizado. Essa lógica é reforçada em práticas como a formação de equipes, que perpetuam um “[...] *poderoso currículum oculto a través del cual aprenden de forma implícita la relación dominador/dominado*¹³” (Camacho-Miñano; Grau, 2018, p. 822). Nessa dinâmica, identidades que não sustentavam os discursos de rendimento previamente estabelecido, experimentaram exclusões e desvalorizações legitimados tanto pelo professor quanto pelos colegas: “*la violencia simbólica se ejerce por la inadecuación de las identidades físicas de este alumnado a los discursos del rendimiento*” (Camacho-Miñano; Grau, 2018, p. 816).

Enquanto esses estudos buscam apresentar os mecanismos de exclusão, Santos e Brito (2023) apontam caminhos de resistência ao propor uma abordagem intercultural que

¹³ “Poderoso currículo oculto através do qual aprendem de forma implícita a relação dominador/dominado” (tradução nossa).

reconheça a pluralidade de vivências como parte do processo educativo. Para os autores, a transformação curricular requer práticas que “[...] rompam com o caráter monocultural e padronizado das práticas educativas” (Santos; Brito, 2023, p. 17), apostando em metodologias dialógicas que possibilitem o reconhecimento do “outro” e a negociação cultural como ferramentas de emancipação social (Santos; Brito, 2023). Isso significa compreender a masculinidade em uma perspectiva plural, enquanto masculinidades, uma vez que seus significados são atribuídos culturalmente, de maneira contingente.

Já Iffrig e Saint-Martin (2021), a partir da experiência francesa, demonstram como a introdução da expressão corporal nas aulas de Educação Física, entre 1967 e 1985, buscou romper com o modelo esportivo patriarcal, propondo “dessacralizar o modelo patriarcal que se reproduzia graças à presença do esporte na escola” (Iffrig; Saint-Martin, 2021, p. 5). Tal movimento possibilitou “um novo ideal masculino, voltado para mais emancipação e realização pessoal” (Iffrig; Saint-Martin, 2021, p. 2), configurando a escola como terreno de disputas entre a tradição esportiva hegemônica e novas formas de expressão masculina.

Mesmo quando tratam de resistências (Garcia; Brito, 2018; Santos; Brito, 2023; Iffrig; Saint-Martin, 2021) ou de processos de reprodução e exclusão (Prado; Ribeiro, 2016; Camacho-Miñano; Grau, 2018), todos os estudos partem de um entendimento comum: a Educação Física escolar atua como agente ativo na formação das masculinidades. Em diferentes perspectivas, mas ainda muito próximas, os estudos convergem ao mostrar a Educação Física escolar como um espaço privilegiado de aprendizagem do masculino, sobretudo a partir da prática esportiva, no qual se entrelaçam mecanismos de exclusão, violência simbólica e silenciamento, mas também experiências e perspectivas de práticas de resistência, crítica e abertura a masculinidades mais plurais e inclusivas.

Eixo II: Masculinidades, esporte e práticas corporais em contextos não escolares

Os artigos reunidos neste eixo apresentam espaços educativos não formais, fora do contexto escolar, como: academias, estádios e outros ambientes que mostram práticas corporais e esportivas comunitárias. Nestes contextos, a aprendizagem do “ser homem” ocorre por meio de rituais, músicas, performances corporais, consumo de substâncias e dinâmicas de pertencimento, os quais tanto reforçam padrões hegemônicos quanto também apresentam possibilidades de resistência e dissidência.

Silva e Ferreira (2019; 2020), ao se utilizarem do interacionismo simbólico de Goffman (1979), investigam em diferentes estudos como as masculinidades são construídas e negociadas em uma academia no Rio de Janeiro. Em Silva e Ferreira (2019) investigam os rituais de iniciação à dor presentes na prática da musculação. Identificam que esses rituais funcionam como práticas de socialização, nas quais a resistência à dor é convertida em forma de prestígio e respeito entre os pares, reproduzindo normas da masculinidade hegemônica (Connell, 1995), e sugerem que "a intervenção em Educação Física deve estar atenta a manifestações de masculinidade pela submissão à dor como forma de prestígio nas interações sociais em academias" (Silva; Ferreira, 2019, p. 12). Nesse processo, a dor se articula ao culto à violência associado às identidades masculinas hegemônicas, em que "a noção de uma masculinidade hegemônica [que] estimula uma série de violências entre os próprios homens" (Silva; Ferreira, 2019, p. 8).

Em Silva e Ferreira (2020) as músicas são o foco da pesquisa, sobretudo aquelas que mencionam anabolizantes, na forma em que geram efeitos sobre a constituição de identidades masculinas entre frequentadores da academia de musculação. Os anabolizantes, popularmente conhecidos como "bombas", surgem nesse contexto não apenas como recurso para o corpo, mas como dispositivo de reconhecimento social: "[...] um homem 'bombado' estaria em destaque pela sua visibilidade e prestígio com as mulheres e por sua superioridade em relação aos homens 'não-bombados'" (Silva; Ferreira, 2020, p. 16). Assim como no estudo anterior (Silva; Ferreira, 2019), a academia é entendida como um importante espaço de constituição das masculinidades, no qual práticas corporais, interações cotidianas e representações simbólicas, tanto nas músicas quanto nas formas de exercer poder sobre outras masculinidades, legitimam performances próximas a masculinidade hegemônica (Connell, 1995).

Reis, colaboradores e colaboradora (2018) investigaram a relação entre álcool e a construção da masculinidade entre jovens torcedores de torcidas organizadas em São Paulo. A partir de um *survey* com 804 participantes, os autores constatarem que "o percentual de jovens que se envolvem com o uso abusivo de álcool é consideravelmente mais alto que a média da faixa etária no Brasil" (Reis *et al.*, 2018, p. 287). O estudo dialoga com a literatura que aponta que, embora o álcool nem sempre seja a causa direta da violência nos ambientes esportivos, ele funciona como um elemento simbólico e cultural ligado às normas de masculinidade desses grupos, em que "beber 'perigosamente' é um elemento constituinte da masculinidade no contexto do futebol"

(Reis *et al.*, 2018, p. 277). Essa relação é reforçada pelo entendimento de que o consumo excessivo está associado não só à sociabilidade festiva, mas também à afirmação da resistência e da coragem masculina diante de adversidades, configurando-se nesse espaço performativo e de aprendizado das identidades de gênero.

Os autores destacam que o consumo visível de álcool contribui para estigmatizar esses jovens, justificando estratégias de controle e dominação por parte das autoridades, pois além de "violentos", seriam "bêbados" (Reis *et al.*, 2018). Nesse sentido, os autores sugerem que as torcidas organizadas funcionam como espaço onde se constroem e negociam identidades masculinas, em que o álcool tem um papel importante na constituição da masculinidade, sobretudo por elementos constitutivos de uma "virilidade masculina", a qual gera, antes de tudo, pertencimento coletivo.

Em Serrano, Caminha e Gomes (2019) investigam a relação entre homens trans e as práticas de atividades físicas no processo de construção da identidade trans masculina. A pesquisa, realizada com oito homens trans atendidos em um ambulatório especializado, destaca que esses indivíduos utilizam as atividades físicas com o objetivo de modificar seus corpos, buscando "ganho de massa corporal e definição muscular, aspectos que na visão dos entrevistados remetem a um corpo masculino" (Serrano; Caminha; Gomes, 2019, p. 10). O estudo enfatiza que a masculinidade é um processo em construção que passa pela estética corporal e pela inserção em práticas consideradas masculinas, tendo as atividades físicas como ferramentas que remodelam o corpo de modo a contribuir e afirmar uma identidade masculina. De acordo com o estudo, "a musculação pode ser vista como uma cirurgia simbólica, ela tem uma eficácia discursiva que é produzida pelo manejo do corpo" (Rego, 2015, p. 8, *apud* Serrano; Caminha; Gomes, 2019, p. 10), o que teve um papel importante nas práticas corporais como forma de sustentar a performance e construção da masculinidade trans. Nesse sentido, a prática da atividade física não foi somente a construção de uma imagem para o outro, mas também a maneira de se auto resignificar, com um processo de auto identificação (Serrano; Caminha; Gomes, 2019). Portanto, os corpos dos homens trans, enquanto construções sociais, constituem e produzem suas identidades por meio de práticas corporais, sobretudo aquelas que os marcam com símbolos culturalmente atribuídos a um ideal de masculinidade hegemônica.

Em Silva *et al.* (2021) aborda a problematização da masculinidade hegemônica nas relações de gênero durante os treinos de futebol em um projeto socioesportivo voltado para adolescentes de classes sociais menos favorecidas, enfatizando a dimensão educativa da prática esportiva para além das habilidades técnicas. Os autores se fundamentam na

pedagogia do esporte, atribuindo aos treinadores e treinadoras o papel de pedagogos com responsabilidade na "gestão de valores sociais, éticos e morais" (Silva *et al.*, 2021, p. 98). Nesse sentido, ressaltam que os espaços esportivos tradicionalmente reproduzem e reforçam a masculinidade hegemônica por meio de práticas que valorizam a agressividade e comportamentos hostis como sinais de virilidade, expressos na ideia de que "na minha escola é assim" ou "menina não tem o dom para jogar" (Silva *et al.*, 2021, p. 96). Os relatos do texto demonstram que, ao contrário de reproduções acríticas, a adoção da Pedagogia do Jogo promove uma "prática político-pedagógica contra-hegemônica", que inclui a problematização de normas pré-estabelecidas e a promoção da "autonomia moral" e da "conscientização dos indivíduos sobre as opressões advindas [...] das relações de poder implícitas nas teias sociais" (Silva *et al.*, 2021, p. 97). Desta forma, o estudo mostra a maneira em como as ações dos professores do projeto tensionam e desconstruem a dita masculinidade hegemônica no contexto da iniciação esportiva.

Mesmo em contextos distintos — academias, torcidas organizadas, práticas esportivas comunitárias e experiências de homens trans —, os estudos convergem em mostrar que o esporte e as práticas corporais funcionam como espaços pedagógicos de aprendizagem das masculinidades. Em alguns casos, reforçam-se hierarquias e performances hegemônicas, marcadas pela dor (Silva; Ferreira, 2019), pela estética do corpo "bombado" (Silva; Ferreira, 2020) e pelo consumo de álcool como bravura (Reis *et al.*, 2018). Em outros, emergem possibilidades de resistência e resignificação, como a construção corporal de homens trans (Serrano; Caminha; Gomes, 2019) e experiências socioesportivas críticas (Silva *et al.*, 2021). Assim, o eixo demonstra que as masculinidades, ainda que frequentemente reproduzidas em sua forma hegemônica, são constantemente tensionadas nesses espaços, evidenciando tanto sua força normativa mas também de possibilidades para a transformação.

Eixo III: Formação docente e masculinidades na Educação Física

O presente eixo agrupa estudos cujo foco é a relação entre masculinidades e a formação de professores de Educação Física. Estudos esses que apresentam as dinâmicas e relações das masculinidades no contexto de formação inicial, por meio da observação, como também a narração de experiências que constituíram esses sujeitos.

Garcia e Pereira (2021) examinam as dinâmicas de relações entre diferentes formas de masculinidade durante o curso de Licenciatura em Educação Física, destacando

como modelos hegemônicos de masculinidade são naturalizados e reproduzidos nesse espaço de formação. Os autores afirmam que a Educação Física está ancorada em "modelos sexistas, generificados e generificadores, demarcados por diferenças e desigualdades de gênero e (re)produtores dessas diferenças" (Garcia; Pereira, 2021, p. 2), evidenciando uma estrutura que privilegia masculinidades hegemônicas e exclui formas subalternas. Nesse ambiente, práticas e condutas são normatizadas por representações da masculinidade que reforçam "aspectos sexistas e excludentes" (Garcia; Pereira, 2021, p. 19), influenciando o comportamento dos futuros educadores e reproduzindo ciclos viciosos que dificultam transformações que contribuam para a desigualdade de gênero.

O estudo analisa como a construção das masculinidades na formação em Educação Física ocorre sob uma lógica patriarcal, que valoriza força, velocidade e potência como formas de afirmação, frequentemente à custa da objetificação de mulheres e da ridicularização de masculinidades subalternizadas (Garcia; Pereira, 2021). Ao evidenciar a intersecção entre gênero e sexualidade nos espaços formativos, revela como estes reproduzem hierarquias simbólicas e aponta a necessidade de problematizar tais padrões para ressignificar práticas pedagógicas. Dessa maneira, contribui para a desconstrução da hegemonia masculina e para a transformação das normas sociais de gênero que atravessam a formação e a atuação profissional em Educação Física.

O artigo de Silva, Anjos e Macedo (2023) apresenta uma análise sobre as experiências narradas de professores gays de Educação Física no Norte da Bahia, como estas constituem esses sujeitos, demonstrando a complexa negociação entre as imposições de gênero e sexualidade junto a suas vivências pessoais e profissionais. As histórias de vida tratam sobre a constituição desses sujeitos em contextos marcados por práticas esportivistas e paradigmas hegemônicos de masculinidade, que impregnaram suas experiências de vida além da formação em si. Conforme o texto destaca, "os padrões hegemônicos que provavelmente foram reforçados nas suas vivências de Educação Física durante a infância e juventude na escola" (Silva, Anjos e Macedo, 2023, p. 5) moldaram suas percepções sobre o que era esperado de um professor, especialmente sobre a performatividade masculina ideal para a profissão. A identidade do professor gay emergiu como resultado de um processo contínuo de adaptação e resistência a essas normativas.

A identidade do sujeito homem professor gay é constituída a partir da mediação entre seus desejos e a necessidade de se situar dentro de um campo profissional que historicamente reproduz discursos sexistas e homofóbicos. De acordo com os autores, "o sujeito gay se constitui primeiramente do que o professor, pois desde a sua infância são

afloradas as caracterizações e os desejos por pessoas do mesmo sexo” (Silva, Anjos, Macedo, 2023, p. 6), evidenciando que sua identidade enquanto homem homossexual antecede sua profissão, mas é também reverberada e reelaborada no exercício docente. Essas experiências são analisadas à luz da análise discursiva foucaultiana, que permite perceber como o discurso e as relações de poder envolvidas contribuem para a constituição do sujeito, tornando visível a existência dessas quebras de paradigmas estruturais sobre os corpos no campo da Educação Física (Silva, Anjos, Macedo, 2023).

Os estudos analisados evidenciam que a formação docente em Educação Física, em contextos formais e informais, é um espaço de produção das masculinidades. Garcia e Pereira (2021) mostram como a universidade naturaliza modelos hegemônicos que reforçam padrões patriarcais e sexistas, enquanto Silva, Anjos e Macedo (2023) evidenciam como professores gays, apesar da marginalização heteronormativa, ressignificam sua atuação em práticas de resistência e empoderamento pelo fato de (re)existirem nesses espaços.

Eixo IV: Produção de sentidos, comunicação e estética

Este eixo reúne pesquisas que investigam como a masculinidade é construída e comunicada por meio da arte, da mídia, da estética e da ocupação de espaços culturais e esportivos. Incluem-se aqui estudos que dialogam entre Educação Física e arte contemporânea a partir das práticas corporais e do homoerotismo; análises sobre experiências estéticas na dança com a participação de homens; e abordagens cinematográficas que discutem práticas esportivas protagonizadas por atletas homossexuais.

O artigo de Devede (2023) estabelece um diálogo entre os campos da Educação Física e da Arte Contemporânea, analisando as relações entre práticas corporais e masculinidades a partir da série fotográfica *Beach Triptychs* de Alair Gomes. O estudo destaca como a obra, marcada pela influência da Arte Clássica, da religião e do homoerotismo, amplia a compreensão da corporeidade masculina, evidenciando um corpo masculino em ação que expressa tanto "virilidade e força, quanto desejo, tatilidade, intimidade e homoerotismo, esgarçando limites da heteronormatividade compulsória" (Devede, 2023, p. 5). A partir de um do campo de estudos das masculinidades, como as teorias da masculinidade hegemônica e da masculinidade inclusiva, o texto enfatiza que as práticas corporais nas praias e espaços públicos do Rio de Janeiro criam espaços de

homossociabilidade e permitem a emergência de uma diversidade de subjetivações masculinas que rompem com a norma vigente (Devide, 2023).

Além disso, o artigo ressalta a importância da obra fotográfica como fonte histórica e metodológica para refletir sobre a construção das masculinidades, ao explorar as estratégias visuais e narrativas do artista, como o uso do enquadramento, da fotografia múltipla e do jogo de luz e sombra, que não apenas capturam o corpo masculino em movimento, mas produzem uma “narrativa homoerótica, transgressora e de vanguarda” (Devide, 2023, p. 21). A obra de Alair Gomes é analisada como um espaço simbólico e físico de aprendizagem da masculinidade que ultrapassa os limites da masculinidade normativa, confirmando que as masculinidades são fenômenos heterogêneos e dinâmicos, reforçando a necessidade de estudos interdisciplinares que considerem a corporeidade, o desejo e as expressões artísticas como elementos constitutivos das identidades masculinas (Devide, 2023). Dessa forma, traz à tona discussões nos campos da Educação Física, da Arte e dos estudos de gênero, ressaltando a maneira em como os espaços cotidianos, como a praia, tornam-se locais de exercício e aprendizagem plural das masculinidades.

Rodrigues (2023) analisa a constituição da masculinidade a partir da experiência estética de dança do Grupo Univérsica, formado em Goiânia em 1973, evidenciando como padrões hegemônicos são colocados à prova nesse contexto. A pesquisa utiliza a história como base para discutir masculinidades que "escapam às normas e padrões instituídos na sociedade, na dança e na Educação Física" (Rodrigues, 2023, p. 1), destacando relações corporais e artísticas divergentes do padrão dominante local. O estudo mostra que, embora o debate sobre o homem na arte pareça encerrado, ainda existem preconceitos especialmente em relação à expressão afetiva e corporal entre homens na dança, já que "se sensibilizar, se relacionar corporalmente com outras pessoas, principalmente com outros homens, de forma afetiva por meio da arte, parece ser algo temido" (Rodrigues, 2023, p. 10).

O texto discute as imposições sociais que regulam a masculinidade, enfatizando que desde o Iluminismo a racionalidade é vista como traço exclusivo dos homens, legitimando uma masculinidade hegemônica marcada pela "excessiva valorização da virilidade, do sentido do dever, de sacrificar-se pelo bem da sociedade e do ideal de guerreiro" (Rodrigues, 2023, p. 8). A dança e a Educação Física são destacadas como cruciais para a aprendizagem da masculinidade, pois neles se reproduzem ou contestam essas normas. A experiência estética do Grupo Univérsica contrapõe-se a esse padrão, abraçando subjetividades e afetividades diversas que instalam o novo e desestabilizam

verdades sociais, já que "a verdadeira masculinidade que se espera que um homem exerça não está passível de instabilidades, nem de dúvidas e, muito menos, de intensidades e afetos produzidos e provocados via inserção no universo artístico" (Rodrigues, 2023, p. 10).

Chaves e Araújo (2015) abordam a presença e a resistência de atletas homossexuais em ambientes esportivos marcados pela hegemonia da masculinidade tradicional e heteronormativa. A partir da análise dos filmes *Summer Storm* (2004) e *Guys and Balls* (2004), os autores destacam que tais obras "descentram as noções de virilidade e eficiência atreladas à masculinidade clássica ao visibilizar gays viris e eficientes no esporte com performances vitoriosas" (Chaves; Araújo, 2015, p. 8). Essa abordagem reforça a necessidade de repensar os padrões binários e excludentes em esportes, criando espaços de resistência e afirmação de sexualidades não normativas, que desafiam o domínio heterocêntrico tradicional e marcam territórios *queer* dentro do esporte (Chaves; Araújo, 2015, p. 6-7).

Além disso, o estudo enfatiza que o esporte funciona como um importante espaço de aprendizagem e produção de masculinidades, no qual "se produzem corpos e subjetividades que desestabilizam as determinações biológicas" (Chaves; Araújo, 2015, p. 1). O fenômeno *queer* no esporte demonstra como novos sujeitos rompem com as normas convencionais de gênero e sexualidade, no qual criam "[...] nichos seguros e subversivos onde podem afirmar suas identidades frente à cultura esportiva dominante" (Chaves; Araújo, 2015, p. 5). Com isso, o artigo contribui para a reflexão crítica sobre a diversidade no esporte e aponta para a necessidade de incorporar abordagens mais inclusivas nos espaços educacionais da Educação Física, promovendo a desconstrução de estigmas ligados à masculinidade hegemônica.

Devide (2023) evidencia como a obra de Alair Gomes tensiona a heteronormatividade ao representar corpos masculinos em narrativas homoeróticas, enquanto Rodrigues (2023) mostra como a presença de homens na dança desafia concepções fechadas de virilidade e racionalidade. Chaves e Araújo (2015) discutem representações de atletas *queer* no cinema, destacando o esporte como espaço de resistência e afirmação de identidades dissidentes. Em conjunto, os trabalhos revelam a arte e o esporte como campos privilegiados para problematizar a masculinidade normativa e reconhecer múltiplas formas de subjetivação masculina.

Panorama teórico-analítico

Com base na análise da produção acadêmica nacional em Educação Física, nos periódicos CAPES e Scielo, sobre as masculinidades, verifica-se uma convergência e solidez teórica fundamentada em referenciais críticos e pós-críticos, com bases estruturalistas e pós-estruturalistas. A compreensão dos conceitos de gênero e masculinidade é majoritariamente ancorada nas contribuições de autoras e autores consagrados no campo dos estudos feministas, de gênero e *queer*.

A teórica Raewyn Connell (1995; 2015) destaca-se como a principal referência, cujo conceito de masculinidade hegemônica é mobilizado para analisar as hierarquias de poder patriarcal que organizam as relações sociais. A teoria da performatividade de gênero de Butler (2015) também é muito utilizada de base para desnaturalizar as identidades, entendendo-as como um efeito de práticas discursivas e corporais repetitivas. A obra de Butler também dialoga com a biopolítica de Michel Foucault, especialmente na discussão sobre quais corpos são reconhecidos como humanos, ou como corpos que importam. Essas perspectivas articulam-se com a contribuição de Guacira Lopes Louro (1997; 2010; 2013) para a discussão da construção social do gênero e da sexualidade na educação. Por outro lado, pela perspectiva crítica, pôde-se observar trabalhos com base em Pierre Bourdieu (2000), cujos conceitos de violência simbólica e dominação masculina são utilizados para a análise da materialidade dessas estruturas de poder.

O marco teórico que unifica esta produção é majoritariamente influenciado por perspectivas pós-estruturalistas e críticas dos estudos de gênero, sobretudo *queer* e feministas, que trazem a crítica às categorias essencialistas para discutir e problematizar a masculinidade a partir de sua construção social, histórica, discursiva e, portanto, fluida e passível de contestação e, principalmente a chamada e denúncia para a desconstrução de modelos ideais ou hegemônicos. A influência *queer* é empreendida na crítica à heteronormatividade compulsória e na valorização de subjetividades e corpos dissidentes, tendo como fio condutor Butler. A análise de Botton (2020) mostra que Connell parte de um estruturalismo relacional, definindo a masculinidade hegemônica como uma estrutura hierárquica baseada em exclusões, e evolui para uma teoria mais plural e histórica, especialmente em parceria com Messerschmidt (2013), sem, porém, adotar o pós-estruturalismo. Botton aponta um diálogo epistemologicamente tenso, mas politicamente paralelo entre Connell e Butler: apesar de suas origens sociológica e filosófica distintas, ambas contribuem para pensar o gênero como prática social e para a construção de narrativas alternativas de masculinidade. Connell mantém uma abordagem estruturalista

plural, porém epistemologicamente distinta do pós-estruturalismo, rejeitando “qualquer pretensão de diálogo com as leituras simbólicas, linguísticas e/ou pós-estruturalistas, como as de Judith Butler” (Botton, 2020, p.18).

Para operacionalizar esses conceitos no campo específico da Educação Física, os estudos recorrem a um conjunto de pesquisadoras e pesquisadores nacionais que funcionam como interlocutores, tendo como papel a ponte entre a teoria e a análise de maneira contextualizada. Silvana Goellner aparece como uma das maiores referências, relacionada a uma perspectiva cultural de corpo, este que são marcados pelas desigualdades de gênero, no campo da Educação Física independentemente do contexto estudado. Outra interlocutora entre gênero e Educação Física, mas no ambiente escolar, foi Helena Altman, a qual é empreendida para subsidiar as relações de gênero na escola. Deive e Brito, aparecem como um dos principais autores nos estudos sobre masculinidades na Educação Física brasileira, sendo frequentemente citados para discutir as nuances das masculinidades hegemônicas e subalternas, mas também no que tange estudos que tratam sobre sexualidade, nos estudos LGBTQIAPN+. Outros pesquisadores, como Vagner Matias do Prado, Arilda Ines Miranda Ribeiro, Rodrigo Braga Couto Rosa, Paulo Ghiraldelli Dornelles são também mobilizados a discutir a temática da masculinidade no campo.

Ao tratarmos especificamente dos eixos de análise, os cinco artigos do primeiro eixo (Garcia e Brito, 2018; Prado e Ribeiro, 2016; Santos e Brito, 2023; Camacho-Miñano e Grau, 2018; Iffrig e Saint-Martin, 2021) demonstram apropriações teóricas distintas mas com diálogos complementares. Nota-se o predomínio das teorias da performatividade de gênero de Butler (Garcia, Brito, 2018) e masculinidade hegemônica de Connell (Prado, Ribeiro, 2016), que analisam processos de exclusão e resistência de corpos dissidentes. Em contraponto, Camacho-Miñano e Grau (2018) utilizam a sociologia crítica de Bourdieu, pela violência simbólica, para demonstrar a naturalização das hierarquias de gênero, enquanto Iffrig e Saint-Martin (2021) aplicam o conceito de *habitus* para analisar disputas históricas na Educação Física francesa. Santos e Brito (2023) introduzem a perspectiva intercultural de Vera Maria Ferrão Candau como proposta contra hegemônica, ampliando o arcabouço teórico do eixo, ainda que também se utilizam de Connell para fundamentar a masculinidade a ser problematizada.

No segundo eixo, os seis artigos agrupados (Silva e Ferreira, 2019, 2020; Reis *et al.*, 2018; Serrano, Caminha e Gomes, 2019; Silva *et al.*, 2021) apontam significativa

diversidade teórico-metodológica. Silva e Ferreira (2019, 2020) articulam o interacionismo simbólico de Erving Goffman com a teoria de Connell para analisar rituais de masculinidade em academias. Reis *et al.* (2018) utilizam a sociologia do esporte de Eric Dunning para compreender a relação entre álcool e performance masculina. Serrano, Caminha e Gomes (2019) se sustentam na teoria *queer* de Butler e Berenice Bento para compreender a construção corporal de homens trans, enquanto Silva *et al.* (2021) combinam a pedagogia crítica de Paulo Freire, com João Batista Freire e Connell para fundamentar suas intervenções socioesportivas.

O terceiro eixo de análise, que trata sobre a formação docente em Educação Física, abrange dois artigos (Garcia e Pereira, 2021; Silva, Anjos e Macedo, 2023) e compartilham de uma fundamentação pós-estruturalista com ênfases distintas. Garcia e Pereira (2021) priorizam a teoria de Connell para analisar a reprodução de masculinidades hegemônicas na formação inicial, enquanto Silva, Anjos e Macedo (2023) utilizam a análise discursiva foucaultiana para compreender a constituição dos sujeitos e suas identidades, e ambos dialogam com os estudos *queer* nas análises das experiências de formação.

No último eixo, os três artigos (Devide, 2023; Rodrigues, 2023; Chaves e Araújo, 2015) caracterizam-se pela diversidade metodológica empreendida. Devide (2023) articula a teoria das masculinidades de Connell e Eric Anderson com a análise estética da fotografia de Alair Gomes. Rodrigues (2023) dialoga com a história cultural de Jacques Le Goff com a teoria pós-estruturalista de Louro para analisar experiências em dança. Chaves e Araújo (2015) utilizam a teoria *queer* como lente de análise de filmes que apresentam representações esportivas não-hegemônicas.

Embora a sexualidade se destaque como marcador de poder, esta literatura mostrou que a masculinidade hegemônica não se limita à oposição hetero/homo. Homens homossexuais também podem ser marginalizados quando não correspondem aos códigos de virilidade, força ou comportamento esperados em determinados contextos. Essa dinâmica apresenta hierarquias internas que atravessam raça, classe, geração, território e outras contingências ligadas às expressões de gênero. Os estudos analisados demonstram que, mesmo sob a hegemonia heteronormativa, produzem-se diferenças sustentadas por exclusões, negociações e contestações. Essa perspectiva amplia a compreensão da Educação Física ao indicar que as práticas corporais não apenas reafirmam um ideal homossexual dominante, mas também organizam disputas entre múltiplos modos de ser homem mediados por diversos marcadores sociais.

Considerações Finais

Buscamos mapear os estudos sobre masculinidades na produção brasileira em Educação Física, com o objetivo de problematizar os modos de (re)produção do ser masculino nos diferentes espaços educativos. A análise dos periódicos CAPES e SciELO evidenciou um número ainda reduzido de trabalhos voltados à temática. As produções encontradas, contudo, mobilizam referenciais teóricos consolidados nos chamados *Men's Studies*, assumindo como central a crítica aos modelos hegemônicos de masculinidade. Tais estudos não apenas tensionam e denunciam as formas de opressão sustentadas por esses modelos, mas também buscam inibir seus efeitos e apontar possibilidades de transformação nas práticas corporais que reproduzem desigualdades de gênero e legitimam violências utilizadas para manter o poder sobre outros corpos. Importa destacar que, para além da denúncia, emergem também reflexões teóricas e metodológicas que evidenciam diferentes formas de exercício das masculinidades, reforçando sua pluralidade e complexidade. Nesse sentido, a produção apresenta maturidade analítica e um claro posicionamento político-epistemológico no tratamento das masculinidades no campo da Educação Física.

Embora tenhamos identificado um número reduzido de estudos sobre a temática, observa-se uma diversidade quanto às metodologias empregadas e os objetos de análise. Entretanto, não foram encontrados trabalhos que abordassem de maneira interseccional a experiência dos sujeitos ou que tomassem outros marcadores sociais como centrais. Reconhecer que há múltiplas formas de exercer as masculinidades implica considerar a articulação com categorias como raça, classe, gênero, geração, entre outras, que atravessam e moldam tais experiências, seja potencializando relações de poder, seja tornando determinados grupos mais suscetíveis a essas forças no contexto brasileiro. Uma alternativa seria pensar estudos que apresentariam os recortes interseccionais a partir de revisões por temas, com recortes mais específicos a partir das experiências dos sujeitos em diferentes práticas.

Pesquisas que utilizem bases regionais, repositórios institucionais ou periódicos não indexados poderiam revelar produções periféricas e práticas locais que escapam ao recorte aqui analisado. Ao mesmo tempo, também reconhecemos sua potência enquanto revisão que trata sobre estudos das masculinidades, na Educação Física brasileira, nesse recorte histórico.

Apesar de divergências epistemológicas entre as maiores referências dos estudos sobre masculinidades no campo da Educação Física, Connell e Butler, suas abordagens se complementam politicamente ao ampliar o entendimento das masculinidades para além de estruturas rígidas, convergindo para identidades masculinas diversas e fluídas. Essa tensão teórica aponta para a necessidade de integrar perspectivas sociológicas e filosóficas de modo a promover narrativas alternativas que desafiem práticas violentas e exclusivas, com caminhos para subjetividades e sociabilidades masculinas menos hegemônicas.

Deste arcabouço teórico-metodológico, a masculinidade se mostra como fenômeno plural, relacional, contingente e profundamente corporal. Não há um modelo único ou perene; diferentes contextos aproximam-se de ideais hegemônicos, sempre em negociação e hierarquização entre diversas formas de masculinidade. Relacional, manifesta-se em oposição à feminilidade e em comparação com outras masculinidades, organizando-se em torno de padrões que subjugam o que foge ao ideal heteronormativo, ainda que estes estejam sempre em movimento de (re)negociações.

Corporal e performática, a masculinidade se constrói continuamente por meio de práticas, rituais e performances, explícitas e/ou sutis, que marcam profundamente os modos de ser homem, seja na tolerância à dor, no consumo de substâncias, na violência ou em práticas corporais. Mesmo quando associada a imagens de masculinidade a ser objetivadas, ou repulsoras, essas performances demonstram a produção contínua de corpos masculinizados, moldados pela lógica de “masculinizar-se” em diferentes contextos sociais e pedagógicos também no campo da Educação Física.

Referências

- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas*. v. 19, n. 2, p. 548-559, maio/ago. 2011.
- BOTTON, Fernando Bagiotto. Considerações críticas acerca das teorias de Raewyn Connell e Judith Butler para o estudo das masculinidades. *Crítica Histórica*, Maceió, ano XI, n. 22, p. 11-37, 2020.
- BOURDIEU, Pierre. *La dominación masculina*. Barcelona: Anagrama, 2000.
- BRITO, Leandro Teofilo de. Da masculinidade hegemônica à masculinidade *queer/queer/queer*: disputas no esporte. *Revista Estudos Feministas*, v. 29, n. 2, p. e79307, 2021.

BRITO, Leandro Teófilo; LEITE, Miriam. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. *Práxis Educativa* (Brasil), v. 12, n. 2, p. 481-500, 2017.

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael Mérida (Org.). *Sexualidades transgressoras: una antología de estudios queer*. Barcelona: Icaria, 2002, p. 55-79.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Col. Sujeito & História, 2015

CAMACHO-MIÑANO, María José; GRAU, María Prat. Violencia simbólica en la educación física escolar: un análisis crítico de las experiencias negativas del futuro profesorado de educación primaria. *Movimento*, v. 24, n. 3, p. 815-826, 2018.

Disponível

em:<<https://www.scielo.br/j/mov/a/z59b6mt6FtCWkgjcnHMwy4s/abstract/?lang=es>>

Acesso em: 12/08/25.

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206. jul./dez., 1995.

CONNELL, Raewyn. *Masculinidades*. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México, Programa Universitario de Estudios de Género, 2015.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CHAVES, Paula Nunes; DE ARAÚJO, Allyson Carvalho. Resistência *queer*: marcação do território gay no cenário heteronormativo do esporte. *Pensar a Prática*, v. 18, n. 1, 2015. Disponível em:<<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/32733>> Acesso em: 12/08/25.

DEVIDE, Fabiano Pries. Estudos das masculinidades na Educação Física e no Esporte: reflexões e contribuições sobre as teorias de Raewyn Connell e Eric Anderson. IN: DEVIDE, Fabiano Pries; BRITO, Leandro Teófilo (org.). *Estudos das masculinidades na Educação Física e no esporte*. nVersos, v. 1, p. 23-62, 2021.

DEVIDE, Fabiano Pries; DE BRITO, Leandro Teófilo. *Estudos das masculinidades na Educação Física e no esporte*. v.1, nVersos, 2021.

DEVIDE, Fabiano. Práticas corporais, masculinidades e homoerotismo: diálogos entre Educação Física e arte contemporânea. *FuLiA/UFMG*, v. 8, n. 2, p. 185-211, 2023.

Disponível em:<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/40363>> Acesso em: 12/08/25.

FERNANDES, Pedro Borges *et al.* Educação Física escolar, raça e gênero: uma reflexão interseccional sobre as masculinidades negras. IN: DEVIDE, Fabiano Pries;

BRITO, Leandro Teofilo (org.). *Estudos das masculinidades na Educação Física e no esporte*. nVersos, v. 1, p. 118-150, 2021.

GARCIA, Rafael Marques; BRITO, Leandro Teofilo de. PERFORMATIZACIONES QUEER EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR. *Movimento*, v. 24, p. 1321-1334, 2022. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/mov/a/DzmgYSzVjsgHLVrTbVP4XfN/?format=pdf&lang=pt>>
> Acesso em: 12/08/25.

GARCIA, Rafael Marques; PEREIRA, Erik Giuseppe. Masculinidades e a formação de professores/as de Educação Física na EEFD/UFRJ. *INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar*, v. 18, n. 1, p. 1, 2021. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/72238>> Acesso em: 12/08/25.

GOFFMAN, Erving. *Gender advertisements*. Nova York: Harper and Row, 1979.

IFFRIG, Nicolas; SAINT-MARTIN, Jean. Identidades masculinas, expressão corporal e Educação Física na França entre 1967 e 1985. *Educar em Revista*, v. 37, p. e77812, 2021. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/er/a/FqhT3gpLK3XpNHJr3jZW9rz/?format=pdf&lang=pt>>
> Acesso em: 12/08/25.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (orgs). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3a. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 7-35.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MINAYO, Maria C. S. Trabalho de Campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria C. S (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 61-77.

PRADO, Vagner Matias do; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Escola, homossexualidades y homofobia: rememorando experiencias en la educación física escolar. *Reflexão e Ação*, v. 24, n. 1, p. 97-114, 2016. Disponível em:<<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7049>> Acesso em: 12/08/25.

REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva. Hipertrofia muscular como Tecnologia de Gênero na produção de masculinidades entre Homens Transexuais. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 38, 2015. Caxambu. *Anais*. Caxambu: 2015.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos *et al*. Drinking dangerously? Young football fans, alcohol and masculinity in Brazil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 32, n. 2, p. 277-288, 2018. Disponível

em:<<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/166810/159421>> Acesso em: 12/08/25.

RODRIGUES, Roberto. UM UNIVERSO EM FRONTEIRAS: OLHARES SOBRE A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DE DANÇA A DO GRUPO UNIVÉRSICA A PARTIR DA CONSTITUIÇÃO DA MASCULINIDADE-1973—. *Cadernos de Educação Tecnologia e Sociedade*, v. 8, n. 2, p. 101-113, 2015. Disponível em: <<https://brajets.com/brajets/article/view/208>> Acesso em: 12/08/25.

S

ANTOS, Ana Paula da Silva; BRITO, Leandro Teofilo de. DIÁLOGOS COM AS MASCULINIDADES POR MEIO DA PERSPECTIVA INTERCULTURAL E DA COEDUCAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. *e-Mosaicos*, v. 12, n. 29, 2023. Disponível em:<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/74987>> Acesso em: 12/08/25.

SERRANO, Jéssica Leite; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira; GOMES, Isabelle Sena. Homens trans e atividade física: a construção do corpo masculino. *Movimento*, v. 25, p. e25007, 2019. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/mov/a/sQqhJdkKBZLjbTtNZKzY8Lc/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 12/08/25.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. “Homens bombados e embalados”: masculinidades e músicas sobre anabolizantes em uma academia de ginástica. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, v. 25, n. 267, 2020. Disponível em:<<https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/download/2099/1266?inline=1>> Acesso em: 12/08/25.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Rituais de iniciação à dor entre homens na musculação: etnografia de uma academia de ginástica. *Saúde e Sociedade*, v. 28, p. 160-173, 2019. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/JkHr944rZVbWJkgsscC7SqF/>> Acesso em: 12/08/25.

SILVA, Cleuton dos Santos; ANJOS, Luiza Aguiar dos; MACEDO, Christiane Garcia. Docentes homossexuais: história de vida de professores de Educação Física no Norte da Bahia. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 45, p. e20230009, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbce/a/NkMvhHcmBbzHbRL6DHjkYSg/>> Acesso em: 12/08/25.

SILVA, Luis Felipe Nogueira *et al.* Problematizando a masculinidade hegemônica no ensino/treino do futebol: relato de um projeto socio-esportivo liderado por uma entidade estudantil. *Caderno de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 2, p. 93-99, 2021. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/27249>> Acesso em: 12/08/25.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein* (São Paulo), v. 8, p. 102-106, 2010.

WHITTEMORE, Robin; KNAFL, Kathleen. The integrative review: updated methodology. *Journal of advanced nursing*, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005.

Recebido em agosto de 2025.

Aprovado em agosto de 2025.